

O Estigma da "Puta Pobre": Identidades e Fragmentos de Prostitutas de Baixo Meretrício

Autoria

Jefferson Rodrigues Pereira - jeffersonrodrigues@live.com

José Vitor Palhares - titopalhares@hotmail.com

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD/UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

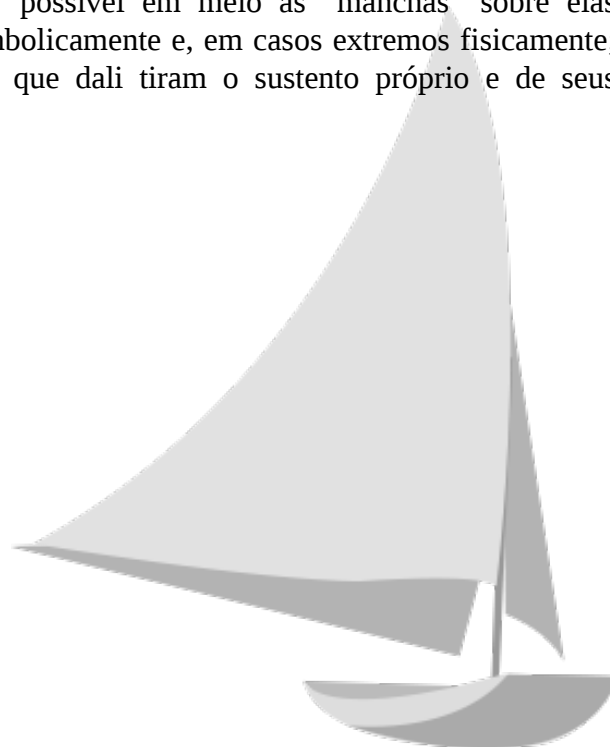
outro/outro

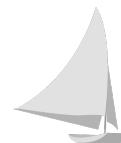
Kely César Martins de Paiva - kelypaiva@face.ufmg.br

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD/UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar como o estigma é vivenciado por prostitutas brasileiras, considerando-se os processos identitários afins. Para tanto, focalizou-se um grupo de mulheres que trabalham no baixo meretrício da cidade de Belo Horizonte (MG, Brasil), já que se trata de uma região de prostituição reconhecida nacionalmente. Para tal, metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, tendo seu corpus discursivo analisado mediante a proposta teórico-metodológica da Análise Linguística do Discurso. Dentre os principais resultados deste estudo, identificamos um processo de construção identitária permeado por estigmas e fragmentações sendo que, para lidar com isso, as entrevistadas se amparam em estratégias fortemente ambivalentes com intuito de construir uma realidade “irreal” possível em meio às “manchas” sobre elas impressas. Por um lado, elas se mutilam simbolicamente e, em casos extremos fisicamente; por outro lado, elas têm a consciência de que dali tiram o sustento próprio e de seus familiares.





O Estigma da "Puta Pobre": Identidades e Fragmentos de Prostitutas de Baixo Meretrício

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar como o estigma é vivenciado por prostitutas brasileiras, considerando-se os processos identitários afins. Para tanto, focalizou-se um grupo de mulheres que trabalham no baixo meretrício da cidade de Belo Horizonte (MG, Brasil), já que se trata de uma região de prostituição reconhecida nacionalmente. Para tal, metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, tendo seu *corpus* discursivo analisado mediante a proposta teórico-metodológica da Análise Linguística do Discurso. Dentre os principais resultados deste estudo, identificamos um processo de construção identitária permeado por estigmas e fragmentações sendo que, para lidar com isso, as entrevistadas se amparam em estratégias fortemente ambivalentes com intuito de construir uma realidade “irreal” possível em meio às “manchas” sobre elas impressas. Por um lado, elas se mutilam simbolicamente e, em casos extremos fisicamente; por outro lado, elas têm a consciência de que dali tiram o sustento próprio e de seus familiares.

Palavras-chave: Prostitutas. Estigma. Identidade. Fragmentos. “Puta Pobre”.

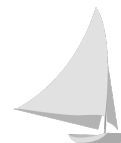
1 Introdução

Desde a obra seminal de Goffman (1963), o estigma vem sendo estudado de modo interdisciplinar, no nível individual e, mais recentemente, no contexto organizacional. Neste último, tem se discutido, por exemplo, organizações que são estigmatizadas desde a sua criação, outras que se tornaram estigmatizadas, o desenvolvimento de ações para tentar driblar ou assumir o estigma e até mesmo aquelas organizações que se desestigmatizaram (Devers, 2009; Hudson, 2008; Sutton & Callahan, 1987; Tilcsik *et al.*, 2015; Toubiana & Ziestma, 2017). Sob a perspectiva individual destacam-se os estudos sobre as experiências de depreciação social e, conseqüentemente, a exclusão e marginalização de sujeitos estigmatizados e suas respostas ao processo de estigmatização (Fife & Wright, 2000; Gibbs *et al.*, 2011; Kang *et al.*, 2016; Kunst *et al.*, 2012).

Nesse contexto, os estudos sobre o estigma de prostitutas têm recebido cada vez mais atenção em diversas áreas na academia (Armstrong, 2018; Hong *et al.*, 2010; Murphy *et al.*, 2015; Sanders, 2018; Scambler, 2007), o que direciona, portanto, a investigação realizada. Contudo, o estigma das profissionais do sexo ainda é um tema pouco debatido nos Estudos Organizacionais, tanto em nível nacional (Pereira *et al.*, 2018) quanto internacional (Blithe & Wolfe, 2017), demonstrando uma lacuna de pesquisa a ser preenchida.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como o estigma é vivenciado por prostitutas brasileiras, considerando-se os processos identitários afins. Para tanto, focalizou-se um grupo de mulheres que trabalham no baixo meretrício da cidade de Belo Horizonte (MG, Brasil), numa região nacionalmente conhecida por abrigar prostitutas que cobram barato pelos serviços sexuais prestados (Pereira *et al.*, 2018), assumindo, assim, o estigma das “Putas Pobres”.

Com isso, pretende-se avançar na discussão de uma das profissões mais antigas do mundo, ainda estigmatizada socialmente e marginalizada inclusive na academia. Como objetivos específicos, busca-se compreender as tentativas de gerenciamento das identidades dessas profissionais, tanto por parte da sociedade como delas mesmas, incluindo-se o



desenvolvimento de estratégias para contornar ou assumir tais estigmas. Outro aspecto importante refere-se a possíveis processos de conformação e suas consequências em termos de reconhecimento social, o que abarca os processos de negociação, confirmação e contestação de normas e padrões vivenciados nas interações sociais. Por fim, almeja-se compreender possíveis implicações de tais identidades para as prostitutas e para a comunidade em que vivem.

2 Referencial teórico

O termo estigma surgiu na Grécia Antiga para designar algo extraordinário ou ruim, usualmente associado ao *status* moral “questionável”, implicando marginalização social de pessoas. Para fins deste estudo, entendemos o estigma como uma marca que destaca, diferencia, corrompe e destrói a identidade de indivíduos, grupos e organizações por meio da articulação de atributos, por vezes depreciativos, criados por outro grupo social que acredita ser privilegiado e aceito por atender determinados padrões morais, éticos e estéticos vigentes na sociedade (Goffman, 1963; Sutton & Callahan, 1987; Hudson, 2008; Devers *et al.*, 2009).

Tal marca é transferida pelos estigmatizadores por acreditarem ser superiores aos estigmatizados; isso ocorre por meio de processos contínuos e/ou simultâneos de depreciação das identidades desses sujeitos, considerados não aptos para obterem aceitação social plena (Goffman, 1963). Mais recentemente, o processo de estigmatização deixou de ser mais velado e frontalmente voltado para pessoas com determinadas deformidades físicas e emocionais, bem como dependente das formas de evidenciação de “marcas” consideradas condenáveis. Atualmente, o estigma se tornou algo mais comum, percebido, vivido e experimentado de forma mais intensa no cotidiano dos estigmatizados, já que os estigmatizadores julgam, agrupam e isolam, mais explicitamente, sujeitos alvos de distinção (Gibbs *et al.*, 2011).

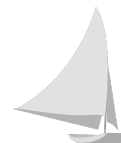
Nesse contexto, vale destacar que diversos tipos de organização social, como empresas, famílias e comunidades, permitem que os indivíduos assumam suas identidades dentro daquilo que é acordado em grupo (Goffman, 1985), conformando um *habitus* em que os sujeitos se aproximam e se vinculam àqueles que se assemelham ou que representam um estilo de vida que é familiar, definindo e distinguindo-se, então, a partir do que é considerado esteticamente admirável ou simbolicamente vulgar (Bourdieu, 2007).

Desse modo, indivíduos que se enquadram na segunda categoria e que possuem marcas que não condizem com expectativas normativas passam por um processo de deteriorização da identidade que, a depender do sujeito e do modo como ele reage as interações sociais, ocasionam graves impactos físicos e emocionais, tanto para quem é estigmatizado quanto para quem com ele interage (Link & Phelan, 2001).

Portanto, problematizar estigma significa problematizar também quais identidades são reconhecidas, toleradas, marginalizadas ou rejeitadas em determinados contextos sociais, promovendo a compreensão de processos sociais e organizacionais de inclusão e exclusão, assim como o entendimento de como as diferenças são toleradas e organizadas.

3 Percorso Metodológico

Para atingir o objetivo proposto, uma pesquisa exploratória foi empreendida com abordagem qualitativa. O *corpus* analítico da pesquisa foi formado por observações sistemáticas e não participantes em 20 estabelecimentos de prostituição (bordeis) e redondezas, contando-se com entrevistas em profundidade com 30 prostitutas que atualmente trabalham em uma zona de prostituição do baixo meretrício da cidade de Belo Horizonte (MG, Brasil), chamada Zona da Guaicurus.



Diários de campo também foram utilizados para registrar anotações das observações e reflexões *in loco*. As prostitutas que se dispuseram a conceder entrevistas assim o fizeram, aumentando o conforto na relação entrevistada-entrevistador e melhorando a qualidade da pesquisa (Devotta *et al.*, 2016). Elas foram identificadas por meio de seus "nomes de guerra", ou seja, pseudônimos que elas utilizam para esconder uma parte importante de sua identidade, o nome.

O *corpus* discursivo do estudo foi analisado mediante a proposta teórico-metodológica da Análise Linguística do Discurso (ALD), que tem por base articulações entre a área da Linguística, Filosofia e as Ciências Sociais (Orlandi, 2009) e que focaliza aspectos simbólicos relativos à produção de sentido, investidos de significância para e pelos sujeitos (Pêcheux, 2014). Note-se que a ALD tem sido bastante utilizada em estudos organizacionais, em diversos contextos (Faria, 2015; Alvesson & Kärreman, 2011). Dessa forma, três percursos semânticos foram identificados, a saber: o estigma de “puta pobre” da Guaicurus, a(s) identidade(s) da “puta pobre”, e a fragmentação e deterioração identitária da prostituta da Guaicurus.

4 Apresentação e Análise de Dados

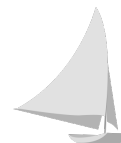
Inicialmente é importante ressaltarmos algumas características da zona de prostituição da Guaicurus que notadamente exercem influência no processo de construção da identidade das prostitutas que foram entrevistadas no desenvolvimento deste estudo. Quanto ao estigma de “puta pobre” da Guaicurus, sublinha-se que esta zona de prostituição é um dos mais conhecidos espaços da cidade (Belo Horizonte, MG, Brasil) e uma das áreas de prostituição mais famosas e com maior poder de atração de profissionais do sexo do Brasil. Observe-se que 26 das 30 entrevistadas não são naturais da cidade: cinco delas vêm de cidades do interior do estado e 21 de outros estados da federação. Várias delas reconhecem a fama dessa região como causa de sua inserção, tendo em vista o intenso fluxo diário de frequentadores/clientes. Em contrapartida, muitas delas também evidenciaram um sentimento de aprisionamento que elas desenvolvem em seu ambiente laboral.

É muito estranho sabe, esse lugar parece que tem uma energia ruim que depois que a gente entra aqui parece que não dá mais pra sair. Eu mesma e várias das putas daqui já tentamos várias vezes largar essa vida, o que a gente pelo menos chama de vida. Mas quando a gente está saindo, acontece algo que nos enclausura aqui dentro de novo, de novo e de novo... (Sabrina)

Nesse trecho, assim como presente em várias passagens dos discursos das demais entrevistadas, a ideia de que seu trabalho é menos digno que os "trabalhos comuns". Os léxicos "essa vida" está envolto a um processo de aviltamento dessas mulheres enquanto profissionais e pessoas, que são marginalizadas e estigmatizadas tendo como base a pecha que este trabalho assume no contexto social.

Identificam-se também certos julgamentos marginalizantes são veladamente marcados pela hipocrisia de uma sociedade machista e violenta.

A sociedade vê a Guaicurus como uma mancha negra, o resto do mundo, o pior do pior sabe, a lama. Para a sociedade, a gente tem menos dignidade que um traficante, que um ladrão. Eles não vêm a gente como pessoas, sabe? a gente não tem casa, não tem família, não



tem rosto, não tem sentimentos... a gente só tem uma vagina, só isso. Até mesmo aqueles que nos frequentam discriminam a gente. (Michelle)

Torna-se evidente, portanto, o interdiscurso da moralidade, como um regulador social do que é aceitável ou não. Como a prostituição vai contra a ordem hegemônica estabelecida como correta, numa sociedade brasileira marcadamente católico-cristã, ela acaba sendo marginalizada na tentativa de a invisibilizar socialmente. Esta imposição social, por vezes, influencia diretamente a construção do eu individual, ou seja, os processos de identificação e construção da identidade social das prostitutas da Guaicurus são outorgados pelo imaginário social sob o qual este complexo e paradoxal ambiente está estruturado.

Considerando que a identidade emerge a partir de uma relação dialética entre sujeito e ambiente social (Pereira *et al.*, 2018), o estigma social da "puta pobre" da Guaicurus exerce uma influência direta sobre sua construção identitária, dado que o estigma por si pode ser compreendido como uma espécie de identidade deteriorada (Goffman, 1959).

Nesse aspecto, a inserção no campo permitiu identificar movimentos de resistência e de resiliência por parte das entrevistadas, como uma forma fatídica de sobreviver em meio a tanta adversidade e diversos tipos de violências (físicas ou simbólicas). Nesse emaranhado que caracteriza o segundo percurso semântico, a(s) identidade(s) da "puta pobre", chama-se atenção para a tentativa de todas as entrevistadas de ocultar sua real identidade de trabalho, tanto no ambiente familiar quanto em outras instâncias de sua vida social, fora dos domínios da prostituição. São variadas as formas que elas utilizam para não demonstrar que trabalham como prostitutas.

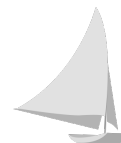
Quando dá a minha hora de sair eu visto uma saia comprida, blusa super comportada, tiro toda minha maquiagem, porque lá fora sou uma pessoa normal. Deus me livre, só de pensar na possibilidade de alguém me ver na rua e saber que sou puta... eu fico mal. Lá fora sou uma mulher direita, pelo menos é o que tento mostrar. (Tatiana Dalila)

Para minha família falo que sou cuidadora de idosos aqui em Belo Horizonte. E a maioria das meninas faz isso, quase ninguém tem coragem de bater no peito e dizer "eu sou puta com orgulho", isso não é e nunca será motivo de orgulho para ninguém. (Bianca)

Ao analisarmos tais trechos discursivos, identificamos que essas mulheres sofrem um processo social de diferenciação dado o estigma que as mancham e, em função disso, elas tendem a percorrer o que pode ser denominado como "carreira moral", processo pelo qual o *self* do estigmatizado passa por um processo de mudança na tentativa de alinhar-se às normas sociais (Pereira *et al.*, 2018). Como resultado dessas difíceis tentativas de equacionar essa(s) identidade(s), percebeu-se um aumento na pressão psicológica sofrida pelas prostitutas, levando-as ao sofrimento e a quadros de adoecimento (Goffman, 1959).

Consideramos ainda neste estudo que a prostituição como um tipo de "trabalho sujo", ou seja, aquele trabalho degradante, humilhante e/ou moralmente repreensível (Hughes 1951, 1970), e que por isso são comumente estigmatizados e marginalizados nos contextos sociais que se inserem (Goffman, 1963), conformando-se em "identidade negativas" (Brown, 2015), devido às manchas que as impregnam.

Assim, emerge o terceiro percurso semântico nomeado de fragmentação e deterioração identitária da prostituta da Guaicurus. As entrevistadas tendem a utilizar uma ideologia



protetora, recorrendo comumente a mecanismos de defesa como o cinismo, o humor e a ambivalência, na tentativa de ressignificar sua identidade e assegurar-lhe um significado positivo; isso também ocorre com outros trabalhadores que se encaixam em quadros similares, como informa a literatura (Brown, 2015; Kreiner, Ashforth & Sluss, 2006; Pereira *et al.*, 2018). Tais estratégias eram comuns durante as entrevistas: elas mesclavam momentos de euforia seguidos de tristeza e lágrimas. Esses paradoxos e ambivalências também se fizeram presentes em outros momentos:

Eu me sinto muito mal, tenho até vergonha de encarar meus pais nos olhos, mesmo sabendo que sou eu que sustento minha família, porque isso aqui não é trabalho, é falta de vergonha. (Samara)

Eu sei que me prostituir é errado, que não agrada ao meu Senhor (Deus), mas todos os dias, em minhas orações, peço a Ele que me perdoe e abençoe meu dia de trabalho, e me traga mais clientes. (...) Eu estou assinando minha condenação, mas salvando meu filho. (Gi)

Esse profundo sentimento de culpa se fez presente na maioria das entrevistas e refere-se à paradoxalidade de comungar de valores e crenças pessoais intrinsecamente opostas às práticas de seu ofício, como observado em outros estudos (Pereira, Palhares & Silva, 2018). Assim, além socialmente marginalizadas e estigmatizadas, as entrevistadas parecem passar por um complexo processo de autoestigmatização e deterioração de seu *self* e sua identidade, “não por estar a cometer qualquer infração legal, mas pela sua divergência face aos valores dominantes que regulam a sexualidade feminina e estabelecem uma ideia moral de ordem” (Sacramento & Ribeiro, 2015, p. 200).

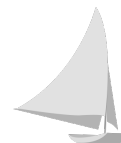
Um aspecto notável durante a realização deste estudo referia-se a uma espécie de deterioração do *self* e, por conseguinte, da identidade das prostitutas por nós entrevistadas. Muitas delas, em um momento de reflexão, corroborando os achados de Pereira *et al.* (2018), ao serem questionadas sobre quem são elas falavam da criação de personagens, como se comportavam como atrizes em um palco ao interpretar seu papel de prostituta.

Esta aqui que você está vendo não sou eu, está é uma alegoria de mim mesma. (Vitória)

Nesse relato da entrevistada, o léxico "alegoria" traz consigo um interdiscurso do carnaval, festa popular brasileira e maior evento de rua do mundo. A utilização deste léxico nesse trecho discursivo evidencia o fato de que a identidade da entrevistada é fantasiosa, sendo esta alegoria uma estratégia cotidiana para lidar com o estigma de sua profissão e, consequentemente, uma tentativa de amenizar os impactos destrutivos deste estigma.

Destacamos ainda que cada entrevistada possuía uma identidade multifacetada, ou seja, identidades (no plural), na qual cada uma dessas identidades tomavam corpo em um contexto específico: a mãe de família; a filha devotada que trabalhava para garantir a sobrevivência dos seus pais; a garota arrependida com traços depressivos; a menina criada pelos avós, na cidade do interior; a mulher forte, empoderada e feminista; a sedutora; a inocente; a promíscua, a "puta". Entretanto, em meio a todas essas facetas, o "eu verdadeiro", a essência, ia se perdendo, tornando-se assim fonte de sofrimento para as entrevistadas.

Agora que você começou a me perguntar algumas coisas, eu consigo refletir melhor sobre minha história aqui dentro, sabe... Às vezes, eu



me olho no espelho e não consigo me enxergar, aquela pessoa que está ali não sou eu, em nada ela se parece com aquela menina do interior criada pelos avós. Hoje, para te falar a verdade, eu nem sei mais quem eu sou... vejo fragmentos de quem eu era... Porque, na prostituição, você tem que encenar muito, criar várias personalidades, se não você não suporta. E, é triste isso... mas acho que me perdi em meio as personalidades que criei. E o pior é que não faço ideia por onde ela, aquela menina sonhadora, anda... (Nanny)

Desse modo, fragmentação identitária decorre do estigma e causa experiências sócio-depreciativas a essas mulheres. Como reflexo disso, a marginalização e a exclusão se fazem fortemente presentes (Fife & Wright, 2000; Gibbs *et al.*, 2011; Kang *et al.*, 2016; Kunst *et al.*, 2012), bem como a deterioração identitária (Goffman, 1963) e as automutilações simbólicas e físicas (Pereira, Palhares, & Silva, 2018), sendo estas últimas observáveis por meio de cicatrizes mostradas durante entrevistas.

5 Considerações Finais

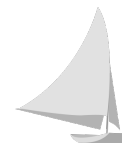
Este estudo foi desenvolvido tendo como base o estigma que repousa sobre o trabalho de prostitutas brasileiras do baixo meretrício, ou seja, mulheres que prestam serviços sexuais a preços baixos. Se as prostitutas são normalmente marginalizadas e estigmatizadas no contexto brasileiro, aquelas que atuam nesse nicho do mercado são ainda mais, são as "putas pobres", um léxico comumente utilizado no país para aumentar a marginalização e o aviltamento dessas pessoas.

Tidas como escória da sociedade, elas atuam em campos em que se conjugam ocultação, desconhecimento, rejeição e negação que, frequentemente, tornam-se lacunas de invisibilidade e esquecimento, constituindo o que convencionalmente a sociedade rotula como não trivial, como marginais, sendo estigmatizadas inclusive pelos próprios frequentadores de seus locais de trabalho.

No processo de constituição do "eu", da identidade dessas mulheres são comuns diversas formas de mutilações tanto por parte delas mesmas quanto da sociedade, dado que tendo seus processos de identificação e construção identitária estruturam-se em um cenário desmoralizado, no qual seu estigma pode ser compreendido com um tipo de identidade deteriorada (Goffman, 1959), que pode também ser refletida pela criação de múltiplas identidades, sendo cada uma delas fragmentos do *self*.

Para lidar com tais estigmas e fragmentos identitários, as entrevistadas se amparam por estratégias fortemente ambivalentes com intuito de construir uma realidade "irreal" possível em meio às "manchas" sobre elas impressas. Por um lado, elas se mutilam simbolicamente e, em casos extremos fisicamente; por outro lado, elas têm a consciência de que dali tiram o sustento próprio e de seus familiares.

Esses paradoxos ampliam e aprofundam as questões aqui tratadas, daí sugerimos a realização de futuros estudos que busquem aprofundar nas relações entre trabalhos marginalizados, moralidade, estigma e identidade. Além disso, diante dos relatos das entrevistas, acredita-se ser profícua a realização de pesquisas que mesquem as temáticas aqui tratadas com outras de representatividade para os estudos organizacionais, como por exemplo, a dialética de prazer e sofrimento no trabalho, a constituição de sentido e significado do trabalho, a constituição dos espaços organizacionais ocultados e as consequências psicofísicas do estigma. Por fim, sugerimos ainda aprofundar a discussão aqui "iniciada" com o status social do trabalho sujo, principalmente pelo fato de que, no Brasil, a prostituição "de luxo"



assume contornos totalmente distintos, até mesmo na forma como as profissionais são conhecidas: umas são denominadas “acompanhantes”, as outras, as “putas pobres”.

Referências

- Alvesson, M., & Kärreman, D. (2011). Decolonizing discourse: critical reflections on organizational discourse analysis. *Human Relations*, 64(9), 1121-1146. doi:10.1177/0018726711408629
- Armstrong, L. (2018). Stigma, decriminalisation, and violence against street-based sex workers: Changing the narrative. *Sexualities*. doi:10.1177/1363460718780216
- Blithe, S. J., & Wolfe, A. W. (2017). Work–life management in legal prostitution: Stigma and lockdown in Nevada’s brothels. *Human Relations*, 70(6), 725–750. <https://doi.org/10.1177/0018726716674262>
- Bourdieu, P. (2007). *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. São Paulo: Edusp.
- Devers, C.E., et al (2009): "A general theory of organizational stigma." *Organization Science*, 20, 154-171.
- Devotta, K., Woodhall-Melnik, J., Pedersen, C., Wendaferew, A., Dowbor, T.P., Guilcher, S., Hamilton-Wright, S., Ferentzy, P., Hwang, S.W., Matheson, F.I. (2016). Enriching qualitative research by engaging peer interviewers: a case study. *Qualitative Research*, 16(6), 661-680. doi:10.1177/1468794115626244
- Faria, J. H. (2015). Análise De Discurso Em Estudos Organizacionais: As Concepções De Pêcheux E Bakhtin. *Teoria e Prática em Administração*, 5(2), 51-71. doi:10.21714/tpa.v5i2.26399
- Fife, B. L., & Wright, E. R. (2000). The dimensionality of stigma: a comparison of its impact on the self of persons with HIV / AIDS and Cancer. *Journal of Health and Social Behavior*. 41(1), 50-67.
- Gibbs, D.A., et al. (2011). Dynamics of stigma for alcohol and mental health treatment among army soldiers. *Military Psychology*, 23(1), 36-51.
- Goffman, E. (1963): *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Nova Iorque: Simon & Schuster.
- Goffman, E. (1985). *The Presentation of Self in Everyday Life*. Petrópolis: Vozes.
- Hong, Y., Fang, X., Li, X., Liu, Y., Li, M., & Tai-Seale, T. (2010). Self-Perceived Stigma, Depressive Symptoms, and Suicidal Behaviors Among Female Sex Workers in China. *Journal of Transcultural Nursing*, 21(1), 29–34. <https://doi.org/10.1177/1043659609349063>



- Hudson, B.A. (2008). "Against all odds: a consideration of core-stigmatized organizations." *Academy of Management Review*, 33, pp. 252-266.
- Kang, S. K., DeCelles, K. A., Tilcsik, A., & Jun, S. (2016). Whitened Résumés: Race and Self-Presentation in the Labor Market. *Administrative Science Quarterly*, 61(3), 469–502. doi:10.1177/0001839216639577
- Kunst, J.R et al. (2012). Coping with islamophobia: the effects of religious stigma on muslim minorities'identity formation. *International Journal of Intercultural Relations*. 36(4), pp. 518- 532.
- Link, B. G. & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, New York, (27), 363-385.
- Murphy, H., Dunk-West, P., & Chonody, J. (2015). Emotion work and the management of stigma in female sex workers' long-term intimate relationships. *Journal of Sociology*, 51(4), 1103–1116. doi:10.1177/1440783315614085
- Orlandi, E. P. (2009). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (2014). El discurso: ¿estructura o acontecimiento? *Décalages*, Paris, 1(4), 1-20. Retrieved from <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/16>.
- Pereira, J. R., Palhares, J. V., & Silva, A. G. C. (2018). Entre o Sagrado e o Profano: Identidades, Paradoxos e Ambivalências de Prostitutas Evangélicas do Baixo Meretrício de Belo Horizonte. *Anais EnANPAD 2018*, Curitiba, Brasil.
- Pereira, J. R., Paiva, K. C. M., Santos, J. V. P., & Sousa, C. V. (2018). "O show tem que continuar": encaixos e percalços do ser/estar prostituta. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 16(3), 151-180. doi:10.19094/contextus.v16i3.32642
- Sanders, T. (2018). Unpacking the process of destigmatization of sex work/ers: Response to Weitzer 'Resistance to sex work stigma.' *Sexualities*, 21(5–6), 736–739. doi:10.1177/1363460716677731
- Scambler, G. (2007). Sex Work Stigma: Opportunist Migrants in London. *Sociology*, 41(6), 1079–1096. <https://doi.org/10.1177/0038038507082316>
- Sutton, R. I., Callahan, A. L. (1987) The stigma of bankruptcy: spoiled organizational image and its management. *Academy of Management*. 30, 405-436.
- Tilcsik, A., Anteby, M., & Knight, C. R. (2015). Concealable Stigma and Occupational Segregation: Toward a Theory of Gay and Lesbian Occupations. *Administrative Science Quarterly*, 60(3), 446–481. doi:10.1177/0001839215576401
- Toubiana, M., & Zietsma, C. (2017): The message is on the wall? Emotions, social media and the dynamics of institutional complexity. *Academy of Management Journal*, 60(3), 922-953.



Weitzer, R. (2018). Resistance to sex work stigma. *Sexualities*, 21(5–6), 717–729.
doi:10.1177/1363460716684509